

20 FEV 1998 Ensinar de olho no futuro

Educação

Esther Pillar Grossi

CORREIO BRAZILIENSE

A educação para produzir bens necessários deverá ser substituída pela educação para produzir bens desejantes, se temos olhos no próximo milênio.

Na óptica das vinculações da escola com o trabalho, por um bom tempo muitos afirmaram que a educação seria mais do que necessária e valorizada, neste momento em que a produção de bens materiais se assenta sobre mecanismos e estratégias extremamente sofisticados. Vivendo a "era do conhecimento", para estar inserido no mundo do trabalho, cada vez mais seria necessário ter mais e mais estudo. Entretanto, isso não é verdadeiro. A sofisticação dos meios de produção é realmente muito grande e exige, portanto, também sofisticação de conhecimentos para neles se inserir. Entretanto, tal sofisticação é também excludente. Não se precisa mais de tanta força de trabalho para produzir os bens necessários à vida.

Para ilustrar bem concretamente as considerações acima, lembro o relato da dra. Acacia Kuenzer, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Paraná, que se ocupa de estudos sobre a capacitação para o trabalho, numa audiência pública da Comissão de Educação da Câmara, em 1997. Ela demonstrou, após rica observação em diversas empresas, a concentração dos conhecimentos necessários ao seu funcionamento. Explicitamente, relatou momentos de pane no equipamento de uma empresa. Em vez do que seria esperado, isto é, que um funcionário local soubesse resolver o problema, eram pedidas orientações a São Paulo e até a Tóquio, conforme o caso. Se as orientações, via telefone, fax ou internet, não fossem suficientes, um técnico dessas localidades se deslocava para Curitiba, sem necessidade de atuação de profissionais locais.

A realidade mundial de aumento do desemprego não pode ser solucionada com retorno ao passado e com medidas e estratégias tradicionais. Há que pensar contemporaneamente, buscando novos e criativos caminhos, o que redundará num novo sentido também para a escola e, ainda, particularmente para as escolas técnicas profissionalizantes.

Indiscutivelmente, não tem retorno a diminuição do trabalho de quarta ou mais horas semanais para milhões e milhões de operários, face aos avanços tecnológicos dos quais somos protagonistas, hoje.

O trabalho adquire, frontalmente, nova dimensão no mundo contemporâneo e precisa ser repensado, lúcida, corajosa e criativamente. Temos que formular alternativas novas e viáveis para o desemprego, o qual está assolando o globo terrestre.

Se os bens materiais necessários à vida são e serão produzidos cada vez mais com muito menos força de trabalho, os bens culturais, objeto de desejo, podem não ter limite na sua demanda, sendo um veio fecundo para o encaminhamento do desemprego.

A iniciação nas linguagens da música, das artes plásticas, da dança, do teatro, do cinema, dos esportes, do

patrimônio histórico se afirma porque cada vez mais pessoas farão profissão artística, visto que nelas há uma alternativa válida de um especial mercado de grande interesse. O lugar dos espetáculos musicais, desportivos, enfim, de todos os espetáculos culturais, ampliar-se-á cada vez mais e pode-se antecipar que essa ampliação será regular e crescente se analisarmos os vetores socioeconômicos que nos movem.

Numa sociedade em que as demandas de trabalho diminuem, e este se especializa consideravelmente, aumentam o tempo livre e o espaço para as atividades culturais e de lazer. Associa-se também a esse quadro a perspectiva concreta de vida mais longa. Outrossim, a formação do público consumidor desse produto de lazer e de cultura assume grande relevância, na medida em que um lixo cultural poderá inundar o planeta, apoiado em um marketing e uma mídia descompromissados com valores humanos, se não houver sensibilização dos consumidores que lhes aprimore o gosto e o espírito crítico, bem como se não houver organização de centros de resistência em favor da qualidade de tais atividades.

É válido observar o lugar que já ocupam hoje em nossos periódicos as questões do esporte, das atividades culturais, paralelas às da gastronomia, do turismo, das festas da moda, as últimas embutidas nas colunas sociais. Aponta certamente para a tendência que acabamos de assinalar a respeito do papel relevante que elas terão, ainda maior do que hoje, nas próximas décadas.

Impõem-se, portanto, para a escola que se quiser contemporânea, nova postura e nova tarefa. A ela cabe, lucidamente, uma ampliação significativa de suas funções na inter-relação com vivências culturais.

Isso não significa o abandono do preparo às competências científicas, porque arte é, na verdade, um outro jeito de interpretar a realidade, ao lado das ciências, com um condimento muito especial, que é o de incluir a emoção.

O que e como, de línguas, de matemática, de ciências naturais e sociais, se precisará estudar nas escolas? O que e como, de música, de artes plásticas, de literatura, de dança, de teatro, de cinema e de esportes, se terá que abordar nas escolas? O que e como, de técnicas, deve ser objeto de currículos escolares? Que técnicas domésticas, certamente com uma particular insistência na culinária, estarão na escola?

Certamente, uma escola num contexto social de muito mais tempo livre que antes, isto é, em que o trabalho estafante e repetitivo for menor que até então, deve ser uma escola onde o desejo se entrelace finamente ao lógico. Uma escola em que a memorização sem sentido e desgastante dê lugar à aventura da construção de hipóteses inteligentes como vem acontecendo em propostas de alfabetização à luz de uma nova visão científica sobre o aprender.

■ Esther Pillar Grossi, doutora em Psicologia da Inteligência, é deputada pelo PT do Rio Grande do Sul